



FORMAÇÃO E GÊNERO: Tensões vivenciadas por professoras da Educação Básica em doutoramento

Eixo Temático 12 – GÊNERO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: DESAFIOS DO TEMPO PRESENTE

Júlia Cecília de Oliveira Alves Ribeiro ¹
Fabiana Correia Moura ²
Talamira Taita Rodrigues Brito ³

RESUMO

Este artigo analisa as tensões vivenciadas por professoras de Ciências da Educação Básica em processo de doutoramento, a partir de uma abordagem qualitativa e de narrativas autobiográficas. Os dados revelam desafios para a composição do tripé vida, trabalho e formação de tais professoras e refletem sobrecarga de trabalho, dificuldades em conciliar a tripla jornada, ausência de políticas de apoio, mas também estratégias próprias de motivação e reconfiguração de papéis. Tais tensões configuram uma estrutura educacional e social que ainda opera sob lógicas patriarcais e de desvalorização do magistério, demandando a implementação de políticas públicas que considerem as desigualdades de gênero e sejam sensíveis às realidades das docentes pesquisadoras.

Palavras-chave: Formação Docente, Narrativas Autobiográficas de Professoras, Doutorado, Ensino de Ciências, Gênero.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos assistido à ampliação da presença de mulheres na pós-graduação brasileira, refletindo conquistas no acesso à educação e na valorização docente, neste caso em específico, na formação continuada. Porém, quando observamos a trajetória de professoras de Ciências da Educação Básica que ingressam em programas de doutorado, percebe-se que esse avanço coexiste com uma série de tensões e desafios marcados por desigualdades de gênero. Ainda que representem maioria no magistério, essas mulheres

¹ Doutoranda em Educação Científica e Formação de Professores - UESB, juliaailicec@hotmail.com;

² Doutoranda em Educação Científica e Formação de Professores - UESB, fabimoura.jequie@gmail.com;

³ Docente Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, taitadoc@gmail.com.



enfrentam obstáculos que vão desde a sobrecarga de responsabilidades familiares até a falta de apoio institucional e a invisibilidade de suas experiências no meio acadêmico.

Historicamente, as expectativas sociais atribuem às mulheres os papéis de cuidado e dedicação exclusiva à família, conforme destacam Louro (1997) e Saffioti (2004), repercutindo diretamente na vivência acadêmica dessas professoras. O cotidiano da pós-graduação, com suas exigências de produtividade, disponibilidade e mobilidade, nem sempre dialoga com a realidade de mulheres que já acumulam jornadas extensas nas escolas e nos lares. Nesse contexto, emergem conflitos identitários, sentimentos de inadequação e a necessidade constante de negociação entre diferentes esferas da vida.

O trabalho em discussão é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga as histórias de vida de mulheres, docentes de Ciências da Natureza da Educação Básica, em processo de doutoramento, partindo da seguinte questão: Como as mulheres/professoras de Ciências da Natureza da Educação Básica constroem sua relação com o doutorado, em face de suas condições de vida e trabalho? Este artigo, porém, centra-se apenas na parte da pesquisa que investiga as tensões emergentes entre o trabalho docente e o doutoramento na constituição do desenvolvimento profissional de professoras.

Partindo da problemática apontada, temos como objetivo analisar as principais tensões vivenciadas por professoras de Ciências da Educação Básica em processo de doutoramento, como espaço para formação continuada, à luz das interseções entre formação e gênero. Com base nos estudos de gênero (Louro, 1997; Vianna, 2001; Saffiotti, 2013) e ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos das narrativas (auto)biográficas (Souza, 2006; Josso, 2010), a proposta é compreender como essas tensões se manifestam e que implicações isso tem para suas trajetórias formativas e profissionais.

A relevância deste estudo reside na necessidade de visibilizar e problematizar as desigualdades de gênero que persistem na formação docente em nível avançado, contribuindo para o debate sobre políticas de apoio, condições de permanência e valorização das mulheres na pós-graduação. Mais do que relatar obstáculos individuais, trata-se de refletir sobre estruturas sociais que reproduzem desigualdades e limitam o pleno desenvolvimento acadêmico e profissional de professoras que ousam ocupar espaços de produção de conhecimento.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se inscreve no campo da abordagem qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994) e, como estratégia metodológica, optou-se pelo uso de narrativas autobiográficas (Souza, 2006;



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade,



Josso, 2010), entendidas aqui como fenômenos sociais que permitem a reconstrução de vivências marcadas por múltiplas camadas de sentido — profissional, afetiva, institucional e social. Segundo Delory-Momberger (2008), a narrativa autobiográfica é um instrumento potente para acessar o modo como os sujeitos significam suas experiências ao longo do tempo, constituindo-se como sujeitos históricos e formativos. Assim, as histórias de vida das professoras tornam-se, simultaneamente, objeto e meio de investigação.

A produção de dados foi realizada por meio da aplicação de formulário eletrônico, com questões abertas, nas quais as participantes, doutorandas das turmas de 2021 a 2024 de um Programa de Pós-Graduação de uma Universidade no interior da Bahia, fizeram seus relatos, a partir de um convite à reflexão sobre sua jornada formativa, com foco nas dificuldades enfrentadas, nas estratégias adotadas para conciliar múltiplas demandas e nas percepções sobre sua identidade como mulheres, professoras e pesquisadoras.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise compreensiva-interpretativa (Souza, 2006).

REFERENCIAL TEÓRICO

Entender os desafios enfrentados por professoras da Educação Básica durante a realização de seus doutorados demanda uma abordagem interdisciplinar, que conecte os campos da formação de professores, dos estudos de gênero e da sociologia da educação. A articulação entre esses domínios possibilita revelar de que maneira fatores sociais, culturais e institucionais influenciam e moldam as vivências de mulheres que conciliam as funções de cuidadoras, educadoras e pesquisadoras.

De acordo com Louro (1997), gênero deve ser entendido não como uma essência, mas como uma construção histórica e socialmente situada, que atua na produção das identidades. Assim, ser mulher e professora envolve lidar com um conjunto de expectativas sociais ligadas ao cuidado, à afetividade e à disponibilidade, que muitas vezes entram em conflito com as exigências da formação acadêmica, ainda mais em níveis mais elevados como o doutorado. Como destaca Louro, "o gênero não apenas classifica as pessoas, mas define o que se espera de cada uma delas em diferentes contextos" (Louro, 1997, p. 25).

A esse respeito, Scott (1995) propõe que o gênero seja tratado como uma categoria de análise útil para compreender relações de poder. No contexto da pós-graduação, isso se traduz em barreiras simbólicas e estruturais que dificultam a permanência e a ascensão de mulheres, especialmente daquelas que já estão inseridas na docência da Educação Básica. Para Scott, "as



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Diversidade



relações de gênero são formas primárias de significação das relações de poder" (Scott, 1995, p. 86), o que permite refletir sobre a marginalização das professoras-pesquisadoras em espaços tradicionalmente dominados por lógicas masculinas e competitivas. De forma institucional, estas relações de poder se expressam na falta de oportunidades que levem em conta o ser mulher, com suas múltiplas funções, oferecendo, ao contrário, espaços que privilegiam a condição masculina na atuação acadêmica.

No campo da formação docente, Gatti (2009) analisa as políticas e condições da formação continuada de professores no Brasil, destacando a precarização do trabalho docente e a sobrecarga enfrentada pelas profissionais da educação. Como aponta Saffioti (2004), as tarefas domésticas e de cuidado continuam a ser socialmente atribuídas às mulheres, configurando uma dupla ou tripla jornada. Assim, o ingresso de professoras no doutorado tende a ocorrer em contextos de grande tensão entre demandas acadêmicas, profissionais e familiares.

Complementando essa análise, Cunha (2013) afirma que o processo de formação docente em nível *stricto sensu* é atravessado por experiências de deslocamento, reinvenção e conflito identitário. Para ela, "o professor em formação se vê desafiado a lidar com rupturas e reconstruções que afetam não apenas sua prática pedagógica, mas sua própria concepção de si" (Cunha, 2013, p. 42). No caso das professoras, tais processos são ainda mais intensos, pois envolvem o enfrentamento de normas de gênero arraigadas no imaginário social e acadêmico.

Dessa forma, é possível perceber que a trajetória de professoras de Ciências da Educação Básica em programas de doutorado é marcada por tensões entre saberes práticos e teóricos, entre a vida acadêmica e a vida pessoal, e entre a produção do conhecimento e a invisibilidade institucional. Essas tensões não são apenas individuais, mas estruturais, e revelam a urgência de políticas de apoio e valorização das mulheres docentes-pesquisadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das narrativas autobiográficas das professoras da Educação Básica em doutoramento evidenciou a presença de tensões recorrentes que atravessam suas experiências formativas, pessoais e profissionais. Tais tensões foram agrupadas em três eixos temáticos principais: a conciliação entre múltiplas jornadas; Inexistência de apoio institucional e invisibilidade simbólica; e, Motivação e resistência.

1. Conciliação entre múltiplas jornadas: As narrativas revelam que a maioria das professoras enfrenta a sobreposição de múltiplas jornadas: o trabalho na escola, as exigências do doutorado e as responsabilidades familiares. Essa tripla carga é vivenciada com exaustão



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Diversidade



física e emocional, e frequentemente em ato, quando há sentimentos de culpa, sobretudo em relação à maternidade e ao desempenho acadêmico, como afirmaram estas participantes:

Uma pessoa responsável com 40 horas de sala de aula, fazendo doutorado, certamente verá que as dificuldades irão aparecer. Assim, comigo não está sendo diferente. Ter que conciliar essas atividades entre outras, têm sido desumano, uma vez que, não tenho conseguido atender as exigências de publicar e junto a isso, as cobranças do Estado[...]. Em consequência dessas cobranças, vêm as dores, insônia e irritabilidade. (Docente Preta, 2024).

São tantos obstáculos... começa por ser mulher, mãe, docente, trabalhar em outro estado, estar distante da família, questões financeiras, não há sensibilidade entre os pares, não ter liberação do trabalho... (Docente Rosa, 2024).

Tenho que dividir parte do cuidado comigo mesma e com a família com as atividades do doutorado. Sempre sacrifico meus fins de semana e feriados. O marido reclama da minha exaustão, minhas filhas, mãe e muitos que convivem comigo. (Docente Branca).

Estes relatos reforçam as análises de Louro (1997) e Saffioti (2004), que destacam como os papéis de gênero continuam operando de forma estruturante na divisão das responsabilidades. Ainda que estas mulheres avancem em seus percursos formativos, as marcas da desigualdade de gênero persistem na definição social de que elas sejam as principais cuidadoras e gestoras do cotidiano familiar.

2. Inexistência de apoio institucional e invisibilidade simbólica: Outro ponto comum nas narrativas é a sensação de abandono institucional. Muitas professoras relatam a falta de cumprimentos de direitos que favoreçam sua permanência e sucesso acadêmico, como a liberação do trabalho para qualificação profissional, assegurada pelos estatutos, ou o acesso a bolsas de estudos e auxílios. Como destacaram outras participantes:

Tem sido desafiador estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Pois não somos apenas isso, há uma vida por traz, família, religião, amigos. Com isso, o tempo tem sido curto para desenvolver tudo ao mesmo tempo. Meu trabalho e o doutorado se complementam, então me dedico muito aos dois. Mas, conseguiria me dedicar mais se tivesse tido afastamento do emprego... (Docente Amarela, 2024).

A rotina de trabalho tem aumentado consideravelmente nas escolas, um trabalho extremamente burocratizado, que leva a um desgaste. Sempre estamos com algo para preencher, avaliar, responder. [...] e um sistema de fiscalização absurdo. (Docente Roxa, 2024).

O volume de leituras de uma semana para outra é extenso e constantemente não consigo da conta de tudo, o que me causa frustração e me fez pensar, inclusive, em desistir. (Docente Laranja, 2024).

Essa dissociação entre prática docente e valorização acadêmica também é discutida por Gatti (2009) e Cunha (2013), que problematizam a cisão entre teoria e prática no processo formativo. A formação continuada, nesses moldes, tende a reproduzir um modelo elitista de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade



produção de conhecimento, que é o sujeito e a sustentabilidade da escola pública e de suas professoras.

3. **Motivação e resistência:** Apesar das dificuldades, as narrativas também evidenciam as motivações das professoras para buscarem a formação continuada no doutorado e para permanecerem nele, promovendo uma reconfiguração identitária. O doutorado é descrito como um espaço de transformação, onde as professoras se veem desafiadas a aprimorar e (re)construir suas identidades profissionais e pessoais. Essa reconstrução, embora marcada por tensões, também carrega sentidos de potência, empoderamento e pertencimento a um novo lugar de fala. Algumas participantes relataram:

O que me motiva no doutorado é o aperfeiçoamento profissional, continuidade da formação, realização pessoal e busca por valorização profissional. (Docente Lilás, 2024).

Estou aqui para buscar formação continuada com vista à aprendizagem crítica, emancipatória e epistemológica para desenvolver a docência. (Docente Fúcsia, 2024).

Esse movimento de reconfiguração está alinhado ao que Delory-Momberger (2008) chama de "narrativa de formação", na qual o sujeito reinterpreta sua história e constrói sentidos formativos a partir das rupturas vividas. A formação, nesse sentido, não é apenas aquisição de saberes técnicos, mas uma travessia subjetiva e social que transforma o modo como a professora se inscreve no mundo.

Estes resultados revelam que a formação em nível de doutorado, longe de ser apenas um processo acadêmico, constitui um terreno de disputas simbólicas, identitárias e institucionais para as professoras de Ciências da Educação Básica. As tensões vivenciadas não são fruto de dificuldades individuais, mas expressão de uma estrutura educacional e social que ainda opera sob lógicas patriarcais e de desvalorização do magistério. A escuta das narrativas dessas mulheres permite não apenas dar visibilidade às suas experiências, mas também contribuir para o debate sobre políticas públicas que promovam uma formação mais justa, inclusiva e sensível às realidades das docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, através deste estudo, compreender as tensões vivenciadas por professoras da Educação Básica em processo de doutoramento. As análises permitiram evidenciar que a trajetória dessas mulheres na pós-graduação é marcada por sobreposições de papéis, ausência



de políticas institucionais de apoio a gênero e condições de trabalho que transcendem o campo acadêmico.

Os dados revelaram que as professoras enfrentam desafios específicos que se entrelaçam com as desigualdades de gênero historicamente construídas, tais como a conciliação entre trabalho, estudo e responsabilidades familiares e a falta de reconhecimento institucional. Tais aspectos reforçam a pertinência de se considerar o gênero como uma categoria de análise fundamental na compreensão das dinâmicas formativas e profissionais das mulheres na educação.

Entretanto, as narrativas também demonstraram que, mesmo diante de múltiplas adversidades, essas docentes desenvolvem motivações e meios de ressignificação de suas trajetórias. O ingresso e a permanência no doutorado não apenas ampliam seus saberes acadêmicos, mas também fortalecem sua identidade profissional e sua atuação crítica frente às desigualdades estruturais que permeiam o campo educacional.

Portanto, torna-se urgente repensar as políticas de formação continuada de professores, de modo a contemplar as especificidades de gênero e garantir condições reais de permanência e êxito para mulheres docentes que desejam se qualificar em nível *stricto sensu*.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *A construção de si pela escrita: a narrativa de formação*. Revista Brasileira de Educação, n. 29, p. 101–117, 2008.
- CUNHA, Maria Isabel da. *Ser professor: uma identidade em construção*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- GATTI, Bernardete A. *Formação de professores: condição docente, trabalho e identidade*. São Paulo: UNESP, 2009.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 3ª ed., São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN. 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria de análise*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA, E. C. *O Conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, Desafios da equidade, v.17_18, p. 81-103, 2001. Disponível em: <[https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2001\(17-18\)/Vianna.pdf](https://ieg.ufsc.br/storage/articles/October2020//Pagu/2001(17-18)/Vianna.pdf)>. Acesso em 28/7/2022.